

Práticas e sentidos do barebacking entre homens que vivem com HIV e fazem sexo com homens

Luís Augusto Vasconcelos da Silva¹
Jorge Alberto Bernstein Iriart²

SILVA, L.A.V.; IRIART, J.A.B. Practices and meanings of barebacking among HIV-positive men who have sex with men. *Interface - Comunic., Saude, Educ.*, v.14, n.35, p.739-52, out./dez. 2010.

This article is the result of an online ethnography about barebacking (intentional unprotected anal sex) in the Brazilian scene, between the years 2004 and 2007. More specifically, it aims to discuss the practice of barebacking among HIV-positive men who have sex with men, considering the implications, meanings and conflicts lived by them since the moment they discover being HIV-positive after engaging in barebacking. For this article, we use narratives produced in open interviews in MSN messenger after the creation of a webpage in orkut and the participation in communities about barebacking. Stories of three men from different regions of Brazil who practiced barebacking and underwent the process of seroconversion are analyzed. These brief stories highlight some tensions or ambiguities concerning pleasure and prohibitions associated with barebacking, including the feelings of freedom and guilt.

Keywords: Barebacking. Seroconversion. Pleasure. Risk. Male homosexuality.

Este artigo é decorrente de uma etnografia online sobre o barebacking (sexo anal desprotegido de forma intencional) no cenário brasileiro, entre os anos de 2004 e 2007. Mais especificamente, busca discutir a prática e sentidos do barebacking entre homens soropositivos que fazem sexo com homens, considerando as implicações e conflitos vividos por eles a partir do momento em que se descobrem soropositivos após o engajamento no sexo bareback. Para tal, utilizamos relatos produzidos em entrevistas abertas no MSN messenger, após a criação de uma página no orkut e participação em suas comunidades sobre o barebacking. Apresentamos histórias de três homens, de diferentes regiões do país, que praticavam o barebacking e passaram pelo processo da soroconversão. Nessas breves histórias, destacamos algumas tensões ou ambiguidades diante dos prazeres e das proibições ligados ao sexo sem camisinha, incluindo a culpa pelo engajamento no sexo desprotegido e o sentimento de liberdade produzido pelo mesmo.

Palavras-chave: Barebacking. Soroconversão. Prazer. Risco. Homossexualidade masculina.

¹ Instituto de Humanidades, Artes & Ciências, Universidade Federal da Bahia. PAF III - Rua Barão de Jeremoabo, s/n. Campus Universitário de Ondina, Salvador, BA, Brasil. 40.170-115. luisvascon@uol.com.br

² Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia.

Introdução

Este artigo tem, como ponto de partida, uma tese de doutorado³, buscando abarcar alguns conflitos e interrogações sobre aspectos da sexualidade e saúde masculina. Referimo-nos aqui à discussão sobre as novas tendências da epidemia de HIV/Aids, ou melhor, sobre o recrudescimento do risco de infecção por HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis entre homens que fazem sexo com homens (HSH), em diferentes contextos industrializados (Elford, 2006), o que inclui o contexto brasileiro (Brasil, 2007; Da Silva et al., 2005). Mais precisamente, com base em uma leitura socioconstrucionista sobre o risco (Lupton, Tulloch, 2002; Spink, 2001; Lupton, 1999), buscou-se compreender a forma como usuários da internet, no contexto brasileiro, dão sentido ao fenômeno do barebacking, geralmente definido como o engajamento no sexo anal desprotegido, entre homens, de forma intencional (Suarez, Miller, 2001).

O termo barebacking significa, literalmente, *cavalgar ou montar sem sela*. Originalmente empregado nos rodeios norte-americanos como uma modalidade de esporte sem proteção, passou a ser usado no contexto da comunidade gay (norte-americana), em meados de 1990, de forma analógica, para designar o sexo sem preservativo⁴ (Léobon, Frigault, 2005). Para alguns, representa uma estratégia de resistência a um discurso normativo da saúde em relação ao sexo seguro (Crossley, 2002; Rofes, 2002).

Nessa perspectiva, é importante ressaltar uma 'nova' trajetória de **positividade** do risco (Spink, 2001; Le Breton, 2000; Lupton, 1999) que passa a 'coexistir' com a ideia (**negativa**) de risco como ameaça ou perigo, ou seja, resultados negativos ou indesejados que devem ser evitados (Douglas, 1994). Um aspecto, portanto, mostra-se central para a discussão: no barebacking tem ocorrido a valorização de uma experiência corporal, sensorial, que se concretiza a partir de um contato mais intenso com o outro (Silva, 2008; Shernoff, 2005; Halkitis, Parsons, Wilton, 2003; Mansergh et al., 2002), um prazer excedente que surge pela expansão e transgressão das fronteiras e limites do próprio corpo⁵. Com a realização desse prazer, as pessoas parecem adquirir maior autonomia e liberdade frente às normas e discursos socialmente estabelecidos.

Faz-se, então, necessário considerar, na atualidade, a 'explosão de discursos' (Foucault, 2001) que reconhecem ou põem em evidência a vontade, possibilidade e o prazer do sexo sem camisinha, muitas vezes tornando o conceito de barebacking disperso e confuso⁶. É o caso, por exemplo, quando muitos de seus praticantes (e 'curiosos') não levam em consideração se há intencionalidade da prática, ou, mesmo, o tipo de vínculo ou condição sorológica dos parceiros envolvidos (Silva, 2008). Como já sinalizado por Shernoff (2005), o barebacking tem adquirido um sentido mais corriqueiro para referir-se a qualquer sexo anal desprotegido, mesmo de forma ocasional ou não intencional⁷. Essa ambiguidade de definições está também presente entre homens que vivem com HIV, quando usam o termo barebacking para descrever o sexo anal sem camisinha, não levando em consideração se o ato envolve intenção ou não (Elford et al., 2007).

Assim, tomando por base a discussão sobre o conceito, sentidos e práticas do barebacking entre usuários da internet, no contexto brasileiro (Silva, 2008), buscamos focalizar e especificar essa discussão para 'homens HIV positivo que fazem sexo com homens'. É importante destacar que estudos com homens que fazem sexo com homens, nos Estados Unidos e Inglaterra, sinalizam que homens HIV positivo praticam mais o barebacking do que homens HIV negativo, embora o engajamento no sexo desprotegido ocorra, sobretudo, com parceiros soroconcordantes (Elford, 2007, 2006; Halkitis, Parsons, 2003; Halkitis, Parsons,

³ Este artigo traz a discussão de um capítulo da tese de Silva, defendida em abril de 2008, no Instituto de Saúde Coletiva (UFBA), sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Iriart. Parte da tese foi desenvolvida durante o estágio de doutorado no exterior, na UQAM (Canadá), financiado pela Capes, sob a orientação do Prof. Dr. Joseph Lévy. O projeto de tese foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Saúde Coletiva, UFBA.

⁴ O termo barebacking (como sexo anal sem preservativo) aparece também associado a alguns nomes de atores pornôs gays, soropositivos, que, em meados de 1990, passam a declarar publicamente sua intenção de não usar mais a camisinha no sexo anal; foi o caso, por exemplo, de Scott O'Hara, que também aparece como o primeiro, em 1995, a criar a expressão barebacking para descrever o sexo anal desprotegido (Huebner, Proescholdbell, Nemeroff, 2006).

⁵ Esta é uma das perspectivas na discussão sobre a relação entre risco e prazer abordada por Deborah Lupton (1999), sobretudo no que diz respeito à transgressão das fronteiras e oposições (dentro-fora, eu-outro etc). Estas fronteiras (simbólicas) que demarcam comportamentos e que organizam os prazeres produzem, ao mesmo tempo, medo e fascinação, mostrando-se de forma ambivalente, tênue e instável, na medida em que o prazer e o risco entram em contato e, muitas vezes, se misturam.

⁶ Alguns autores tentam diminuir essa ambiguidade não considerando as práticas sexuais desprotegidas que ocorrem entre parceiros primários (Mansergh et al., 2002) ou, entre parceiros primários HIV negativo (Wolitski, 2005), como barebacking.

⁷ Em estudo realizado por Huebner, Proescholdbell e Nemeroff (2006), com 398 homens gays e bissexuais, 64,4% consideraram o barebacking como 'qualquer sexo anal desprotegido', independentemente do tipo de parceria ou intencionalidade.

⁸ Deve-se ressaltar que muitos barebackers (negativos e positivos) aparecem como indiferentes ou ambivalentes em relação ao status sorológico de seus possíveis parceiros (Grov, Parsons, 2006; Tewksbury, 2003).

⁹ É interessante destacar que a internet vem servindo como fonte de conhecimento e difusão do barebacking. Entretanto, isso não significa que este fenômeno seja, simplesmente, um produto da internet ou ocorra apenas através da mesma, na medida em que há uma diversidade de espaços e abordagens para os encontros de barebacking (Silva, 2008; Halkitis, Parsons, Wilton, 2003; Mansergh et al., 2002). Há, portanto, de se considerar os diferentes interesses e usos da internet por seus usuários, como também os efeitos e transformações mútuas, das tecnologias, dos usuários e de suas culturas (Miller, Slater, 2004).

¹⁰ A maioria das comunidades do orkut girava apenas em torno da preferência pelo sexo sem camisinha, destacando seus aspectos positivos ou 'ganhos sensoriais'. Na maioria delas, portanto, não havia nenhuma referência direta, na sua descrição, ao barebacking.

Wilton, 2003; Mansergh et al., 2002)⁸. Esta preferência por homens de mesmo status sorológico sugere uma modalidade de estratégia de 'redução de danos' utilizada por homens soropositivos (Halkitis et al., 2005). Seguindo esta tendência, Elford et al. (2007) também destacam que a internet parece facilitar esta relação entre homens soropositivos, considerando que é mais fácil revelar a soropositividade em contextos de interação online.

Nessa direção, torna-se importante compreender as novas possibilidades e formas de interação social abertas pelo ciberespaço para homens que fazem sexo com homens, vivendo com HIV, podendo revelar a sua condição sorológica e falar abertamente sobre suas preferências sexuais, de forma menos estigmatizada⁹. A necessidade de compreender a dinâmica homoerótica entre homens soropositivos que praticam o barebacking encontra respaldo, também, na utilização diferenciada de estratégias para minimizar o risco de transmissão do HIV (Parsons et al., 2005).

Por isso, apresentamos algumas sínteses de narrativa, 'pequenas' histórias de homens que vivem com HIV, sobre as suas trajetórias de barebacking. O propósito é discutir como esses atores compreendem o conceito de barebacking, a dinâmica da prática, as justificativas ou sentidos para a realização do mesmo. Nesse percurso, serão consideradas também as implicações (e estratégias) para a continuação do sexo anal desprotegido e os conflitos vividos por eles a partir do momento em que se descobrem soropositivos após um período de engajamento no barebacking.

Acompanhando alguns barebackers positivos

As histórias que serão retomadas neste artigo foram produzidas durante o percurso de uma tese de doutorado (Silva, 2008), tentando viabilizar uma etnografia online sobre as novas práticas de risco para HIV entre homens com práticas homoeróticas. Em 2006, após uma pesquisa de reconhecimento do campo, na internet, utilizando suas ferramentas de busca, foram encontradas sete comunidades do orkut que discutiam as práticas do barebacking (uma delas se posicionava contra a prática), bem como mais de quarenta que focalizavam os aspectos positivos em relação ao não uso da camisinha¹⁰. Após, aproximadamente, um ano e cinco meses de observação participante online nas comunidades do orkut (desde abril de 2006 a setembro de 2007)¹¹, houve a participação em alguns fóruns criados diretamente para a discussão sobre o *barebacking* ou sobre o sexo sem camisinha¹².

Durante essa trajetória, como forma de acompanhar os grupos de discussão, foi criada uma página específica com as informações da pesquisa no orkut. É importante destacar que se buscou adaptar os textos existentes sobre consentimento informado para o contexto online. Assim, foi adaptado um termo de consentimento na página pessoal do orkut, criada especialmente para a apresentação do projeto de tese. No espaço organizado para o registro (perfil) do pesquisador, houve a descrição de toda uma postura ética que orientaria a pesquisa. A descrição sobre a condução do trabalho, objeto e objetivos também foram ressaltados. Nessa mesma página, foram inseridos os dados profissionais e vínculos institucionais do pesquisador.

Com a criação de uma página pessoal, foi possível solicitar a participação de voluntários para uma entrevista online, aberta, utilizando o recurso do MSN existente para a conversa em tempo real. Vale enfatizar que foi registrado, na respectiva página, o endereço eletrônico do pesquisador para contato. Cada novo convite no MSN significava uma resposta positiva para participar da pesquisa, ainda

que esses interlocutores pudessem desistir ou retirar seu consentimento a qualquer momento. Na entrevista online¹³, portanto, todos os interlocutores tiveram a garantia do anonimato e ficaram novamente cientes de que os dados produzidos seriam utilizados em uma pesquisa de doutorado sobre as práticas do barebacking.

Todos os interlocutores do MSN foram chamados pelo codinome de 'Moscarda', uma referência direta ao personagem de Luigi Pirandello¹⁴, buscando focalizar algumas perspectivas e facetas identitárias de possíveis barebackers no cenário brasileiro, sempre com o objetivo de respeitar o anonimato dos interlocutores. No que concerne à 'identificação' de cada um dos Moscarda, ela foi feita na forma de um endereço eletrônico (e-mail) fictício, trazendo apenas sua respectiva idade e região do país de onde 'teclava', por exemplo, 'Moscarda20@hotmail.com, SP'.

É importante esclarecer que o foco principal da pesquisa foram homens na internet que se diziam praticantes do *barebacking*, ainda que outros tivessem entrado em contato com o pesquisador no MSN sem se identificarem como barebackers, embora conhecessem o termo ou, mesmo, tivessem curiosidade para a realização da prática. Entre os 23 interlocutores que se autoidentificaram como barebackers¹⁵, três deles se posicionaram como soropositivos para HIV. Neste artigo, apresentaremos as trajetórias destes três homens - jovens, em torno de seus vinte anos, de diferentes regiões do país - que passaram a viver como soropositivo para HIV no decorrer de seus encontros de barebacking.

Para a reconstrução das histórias, optou-se por um formato de escrita (narrativa) mais híbrido, trazendo, sempre que possível, os estilos de linguagem dos interlocutores e da 'mídia' em que foram gerados. Alguns dos fragmentos de discurso online, como continuação de uma resposta, foram postos no mesmo parágrafo, com o objetivo de tornar a leitura mais fluida. É possível que alguns dos recursos ou signos utilizados para complementar ou construir enunciados, como imagens e símbolos disponíveis no próprio MSN, tenham se perdido no momento de transferi-los e salvá-los como documento do word.

Finalmente, é importante esclarecer que esses documentos de texto foram trabalhados no QSR Nvivo, um software específico usado para o tratamento e armazenamento de dados qualitativos. Dessa forma, ao acompanhar as linhas temáticas dos fragmentos de texto selecionados, foi possível identificar e relacionar os códigos (categorias) entre si, bem como localizar os respectivos segmentos de textos no interior das categorias de análise, sem perder de vista os 'tópicos discursivos' ou regras de conexão legitimadas socioculturalmente (Eco, 1999). Essas regras de conexão implicam considerar também o 'contexto midiático' (internet) de produção e circulação de textos.

Primeira história: Moscarda20@hotmail.com, SP

Este Moscarda, de vinte anos, estudante universitário, teclando de São Paulo, sabia que barebacking significava "montaria sem celta e tal, e por isso serve pra descrever a prática sexual de risco". Entretanto, procurava não excluir do 'bare' o vínculo com o parceiro: "porque eu me sentia praticante com meu ex namorado, com quem eu sempre transei bare, e mesmo depois de um ano de namoro continuava praticando com ele". Para ele, portanto, havia uma diferença nesta sua trajetória de barebacking, que era a 'intenção' de não usar a camisinha com seu 'ex' desde o início do relacionamento, o que era também diferente de "uma transa acidental sem preservativo".

Para ser barebacking, então, era preciso que houvesse "a intenção de se transar sem camisinha". Ele também não via essa sua prática como um prazer em correr

¹¹ Apesar de a pesquisa no orkut se iniciar em 2006, desde 2004 havia o acompanhamento de páginas na internet sobre encontros homoeróticos masculinos, focalizando ora a discussão sobre o risco para HIV/Aids, ora propriamente sobre o tema do barebacking. Em 2005, por exemplo, foi encontrado um grupo no Yahoo! Grupos, do Brasil, para a discussão e realização do barebacking. O acompanhamento online desse grupo ocorreu entre os meses de junho de 2005 a julho de 2006, momento em que o grupo deixou de estar disponível no endereço correspondente. É interessante destacar que a maior parte dos dados produzidos na tese de Silva (2008) foi gerada através do orkut, lançado em 2004. As comunidades sobre o barebacking continuaram (e continuam) a existir e se proliferar no orkut. Juntamente com outros sites de relacionamentos da internet, é possível, então, que o orkut venha se tornando um "canal" considerável de conhecimento e difusão da prática no cenário brasileiro.

¹² Essa estratégia metodológica foi importante para que se pudessem discutir alguns aspectos implicados (e ambiguidades) na relação entre o conceito de 'barebacking' e o 'sexo sem camisinha' de modo geral. Deve-se, entretanto, enfatizar que as comunidades vinculadas diretamente ao tema do barebacking foram objeto e referência principal da tese de doutorado. Esses conflitos e relações entre as comunidades não serão tratados neste artigo. A título de esclarecimento, é interessante citar que alguns homens 'heterossexuais', participantes das comunidades que valorizavam 'positivamente' o sexo sem camisinha, procuravam se posicionar como 'não barebackers'. Para eles, o barebacker era um 'homossexual' que buscava desafiar o risco. É preciso, entretanto, ressaltar os aspectos morais e as relações de poder em jogo na distinção entre 'heterossexuais' e 'homossexuais'; sobretudo porque o que ligava todos os discursos (sexo sem camisinha e barebacking) era a busca por experiências mais naturais e livres, sensações e prazeres mais intensos.

¹³ Com alguns dos interlocutores, as conversas (online) se prolongaram no tempo, em dias diferentes, conforme a disposição e disponibilidade para a pesquisa. Alguns 'tópicos-guia' foram importantes para orientar a conversa, por exemplo: motivos, sensações e interesses no barebacking, diferenças entre barebacking e sexo sem camisinha em geral, o processo do encontro para o barebacking ('como', 'com quem' e 'quando').

risco: "vejo mais intimidade na relação sexual, mais liberdade, naturalidade". Entretanto, ao mesmo tempo em que sentia prazer no barebacking, Moscarda retratava uma situação conflituosa e ambígua que advinha de suas experiências. Dizia ficar "muito preocupado e muito deprimido depois de ter a relação sem preservativo", mas não sabia mais como evitar o barebacking, já era um 'vício' ("uma prática tão absurda e tão suicida e reprovável").

No momento da conversa online, Moscarda estava "meio brigado" com o seu namorado, de quem havia contraído o vírus HIV. Segundo ele, seu namorado tinha o vírus há pelo menos cinco anos, e estavam juntos há um ano. Há dois meses, Moscarda havia descoberto ser soropositivo: "meu namorado apresentou sarcomas de kaposi, a médica dele pediu o exame, deu positivo, eu fiz o meu depois q ele, e deu". Ressaltava também que, até 2003, havia feito o teste para HIV várias vezes, todos negativos. A partir de 2005, quando começou "a meter bare", parou com os testes, porque "tinha medo".

Moscarda enfatizava que "não gostaria de ser adepto ou de ter aversão a preservativo". Havia usado a camisinha por muito tempo, 'aliás', só resolveu praticar 'bare' há um ano mais ou menos. Até os seus 18 anos, "mesmo não sentindo prazer com camisinha", sempre a usou. Entretanto, quando começou a se relacionar com o seu (ex) namorado, passou a fazer sexo sem camisinha. Depois, passou a não usar com outros parceiros ocasionais.

Moscarda sentia-se preocupado em transmitir para alguém o vírus, mas achava que as pessoas com quem 'transava' sem camisinha "eram todas praticantes de barebacking", e 'presumia' que elas também eram 'soroconvertidas': "por ex., um cara do disponível¹⁶ que tem o nick bareback e pratica isso há três anos, é um soroconvertido com certeza".

Ele procurava, também, esclarecer que a intenção de não usar a camisinha não está associada diretamente ao risco de contrair o HIV, ainda que isso pudesse ocorrer 'indiretamente': "eu pratiquei bare mts (muitas) vezes quando eu estava deprimido e imaginava ser portador do hiv, entao pra mim algumas das vezes foram meio que uma forma de auto-destruição". Não era também, simplesmente, querer se infectar. Explicava que, por causa de 'outras transas' que teve sem preservativo, acreditava ter contraído o vírus HIV. E então, por se sentir infectado, 'simplesmente' deixava de se preocupar com 'isso'. Da mesma forma, por considerar o sexo sem camisinha com desconhecidos inadmissível, acreditava que podia ter contraído o vírus.

Moscarda enfatizava que é muito difícil usar o 'preservativo' para quem é adepto do barebacking. E completava seu argumento dizendo que não era uma ' vaidade' não usar preservativo, "porque todo mundo sabe que é muito arriscado hoje fazer sexo sem camisinha", mas era "um problema com relação ao preservativo". Nesta perspectiva, sentia-se "mal por gostar do barebacking". Dizia ser um "cara super responsável" ("estudo pra caramba, sou super altruísta e me preocupo mto com todo mundo").

Dizia ter se afeiçoado "pelo pior dos gostos sexuais". Mas também, segundo ele, a camisinha era inadequada para o sexo anal: "não sentia prazer usando a camisinha". Sentia desconforto: "a camisinha me incomoda, arde, alem de me trazer uma sensação de ausencia de intimidade". Relacionou, então, o sexo sem camisinha à 'liberdade' e 'intimidade', destacando a 'revolta' contra o preservativo (apesar de não achar correto):

"Quando eu transo sem camisinha, sinto uma liberdade, uma intimidade sexual, uma sensação de prazer sem restrição. Parece que eu to fazendo sexo de verdade entende, sexo da maneira que sempre foi

feito, até antes dos anos 80 [...] Mas veja, não é estranho usar camisinha? Não é algo artificial, um plástico que está sendo colocado no meio da relação sexual? [...] As vezes eu acho q o bareback é uma manifestação, um tipo de revolta contra o preservativo, eu sei que não tem lógica mas as vezes vejo assim, eu tenho varios pre-conceitos com relação ao bareback, eu nao prego isso q eu to falando, nem acho q seja correto, os maiores conflitos pessoais que eu tive e tenho foram com relação a isso... mas é um problema q eu tenho e q varias pessoas tem... acho q me revoltei contra o uso do preservativo”.

Entretanto, Moscarda explicava que, desde que descobriu “o HIV”, ‘transou’ com poucas pessoas: “com umas 4 eu acho, sauna (bareback), net (bareback) e disponível (bareback)”. Tudo ocorria no anonimato, mas acreditando que todos eram soroconvertidos. Ele fazia questão de lembrar que, na verdade, só fazia realmente ‘sexo bareback’ quando tinha alguns momentos de ‘loucura’, “como enorme excitação, alcoolizado”. Ainda que usasse outras drogas, como cocaína e ecstasy, foi com o álcool que começou a ‘liberar’ mais sua vontade de praticar o barebacking. No entanto, sentia culpa e arrependimento “depois de ejacular”, ainda que ocorresse, no momento da ‘transa’, “uma coisa deliciosa, uma sensação de perigo com liberdade, naturalidade, indescritível”.

Para ele, tirando a “sensação de depressão” que vinha depois, quando alguém ‘gozava’ dentro dele, sentia uma “coisa incrível”: “é como se o cara estivesse deixando aquilo de mais íntimo dele dentro de mim, uma sensação de que eu to fazendo sexo ‘original’”. Ele também se satisfazia quando ocorria apenas a penetração sem camisinha, mas reconhecia que “quando o cara goza a sensação de liberdade, de cumplicidade é maior”. Nessa perspectiva, Moscarda procurava remeter a imagem do esperma à “ejaculação interna dentro da mulher, à fecundação”. E completava sua analogia com as ideias de ‘cumplicidade’, ‘intimidade’, ‘risco’.

Em relação aos cuidados que passou a ter após a soroconversão, trazia algumas das estratégias de redução do risco (danos) desenvolvidas por outros ‘barebackers’, que era a busca por evitar a “ejaculação interna”. No último mês, após o resultado positivo do teste, foi duas vezes à sauna e ‘transou’ sem preservativo: “ninguém gozou dentro de mim mas foi sem preservativo, e eu acredito na falsa ideia de que portanto que nao haja ejaculação interna e eu nao ejacule em ninguém a transmissao do virus está contida”. Para ele, também não havia nenhuma razão científica para acreditar nessa estratégia.

Finalmente, Moscarda passou a falar de suas dificuldades de relacionamento, sobretudo depois que contraiu HIV. Dizia que ninguém de sua família sabia que tinha o vírus, apenas algumas “amigonas” sabiam desta sua história. Ele tinha medo de sofrer preconceito de qualquer “pretendente” se soubesse de sua ‘condição’.

Também reconhecia que o sexo sem preservativo (e o uso de drogas) era “uma tentativa fictícia de compensação sexual e emocional”: “pelo menos enquanto fazendo sexo, ou sobre o efeito da droga, eu to numa realidade prazerosa”. Realidade prazerosa. Era o que Moscarda queria encontrar: “ter um namorado ideal, uma familia compreensiva, satisfação profissional, realizações pessoais, etc”.

Enfim, o barebacking (e mesmo o uso de drogas) significava, para ele, “um pouco fazer o proibido, sair um pouco da realidade, descumprir regras”. Nesses “momentos de loucura”, Moscarda parecia fugir da realidade ou dar vazão a outro mundo: “nao sou eu, o garoto q estuda [...], q sai com os amigos pra tomar cerveja, parece uma explosao de loucuras”.

¹⁴ Em “Um, nenhum e cem mil”, de Luigi Pirandello, o protagonista, Vitangelo Moscarda, encontra-se em situação inusitada ao descobrir não ser aquele que até então acreditava ser. Por intermédio de outro, sua esposa, percebe que seu nariz pende para a direita. A partir de então, mergulhado em dúvidas e questionamentos sobre sua própria identidade, busca conhecer o estranho que não ele mesmo. Durante a trajetória de rápidas transformações, o protagonista convive com a incerteza sobre si mesmo, um drama que se tensiona com a descoberta “dos cem mil Moscardas” não só para os outros, mas também para ele próprio.

¹⁵ Todos se colocaram na posição de homens com práticas homoeróticas, preferindo fazer sexo com outros homens. No que concerne à ocupação, eram, predominantemente, profissionais de nível superior ou estudantes universitários. Em relação à idade, oito estavam na faixa-etária de 18 a 23 anos, outros sete de 24 a 28 anos e oito de 29 a quarenta anos. A maioria deles (16) era oriunda da região Sudeste, principalmente dos Estados de São Paulo (11) e Rio de Janeiro (quatro).

¹⁶ Site de encontros e relacionamentos masculinos.

Segunda história: Moscarda26.1@hotmail.com, GO

Para este Moscarda, de 26 anos, pós-graduando, teclando de Goiás, *barebacking* é “praticar sexo anal sem preservativo, com parceiros não fixos”. Moscarda sinalizava que não houve, de sua parte, um “rito de passagem” para o *barebacking*. Sempre esteve “entre práticas bare e não bare”. O que ocorria, “geralmente, era uma decisão ou concessão que acontecia no momento do ato sexual”. A ‘única vez’ que foi mesmo uma ‘decisão intencional’ (de não usar a camisinha) antes das relações sexuais foi em uma viagem internacional que fez em janeiro de 2007. Para ele, a palavra ‘acidental’ para a prática do sexo sem camisinha “não descreve bem a questão, porque sempre é deliberada, a menos que seja um estupro”. Moscarda passou, então, a esmiuçar este momento específico de sua vida como um tipo de divisor de águas, sobretudo para a sua decisão antecipada de abandonar o uso do preservativo:

“Eu sempre tive um medo enorme de contrair o vírus HIV, sempre me fiz uma pressão muito grande nesse sentido, mas o que intriga é que sempre faço os exames e volto a expôr-me ao risco, mas quando falo em risco, falo em qualquer relação sexual sem preservativo, não necessariamente *barebacking*, e aí, se o cara goza na minha boca, ou se há penetração sem camisinha, aí fico todo neurótico, é um desgaste enorme de energia. No início desse ano, fiz uma viagem internacional longa, estava saindo de uma terrível crise depressiva. Nessa viagem, não sei explicar o que me aconteceu, simplesmente concluí que não queria mais usar preservativo, ainda que isso implicasse em uma contaminação. Não tenho base teórica para avaliar o que aconteceu comigo, mas apenas explicar que estava saindo de uma crise, e acredito que busquei ao máximo tirar das costas toda e qualquer pressão, inclusive aquela que me atormentou toda a vida: medo de contrair o vírus. Fiz sexo com penetração sem preservativo com seis caras diferentes, que não conhecia pessoalmente antes. Por incrível que possa parecer, não fiquei paranóico com o medo de uma possível contaminação”.

Até aquele momento, Moscarda fazia o teste para HIV periodicamente, uma vez por ano, e sempre dava negativo. A conversa com este Moscarda ocorreu em maio de 2007, um dia após ter a confirmação do resultado positivo para HIV: “três exames ELISA no meu sangue acusaram a presença de anticorpos, esta semana fiz o Western Blot pra checar, e o resultado se confirmou, tenho o vírus”. No espaço de oito meses, mais ou menos, desde seu último teste negativo, teve a confirmação daquilo que sempre pressentira: “a sensação que tenho é de que chegou a hora de eu ter HIV, aquela hora que sempre tive como certa o tempo todo, e que finalmente chegou”. Contava também que “entre a segunda coleta e o resultado final, foram alguns dias de muito sofrimento”. No dia em que o laboratório lhe telefonou pedindo uma segunda coleta, levou “um choque”, mas “esse choque” passou assim que pegou o resultado positivo. Mas também não passou pela sua cabeça se matar: “não dessa vez, muitíssimas vezes tive idéias suicidas, suicídio é muito recorrente em minha família”. Entre o dia da coleta e o resultado, disse ter entrado em contato “com os seis caras com quem tinha praticado bare”. Todos lhe asseguraram que eram HIV negativo. Isso o perturbava: “a insistência dos 6 em afirmarem que são (ou eram...) negativos me preocupa, pois sempre me pus na posição de vítima, e agora vejo que posso tê-los contaminado”.

Dizia sentir “muito prazer” no contato com o esperma, gostar “do cheiro, do gosto, além da questão do proibido”. Ressaltava que esta ideia do proibido era ocasionada “por uma série de questões culturais, religiosas e de saúde”. Essa dimensão do proibido, portanto, estaria vinculada à prática do *barebacking*, ainda que o prazer não se reduzisse a esta dimensão, especialmente após a descoberta de sua soropositividade.

Moscarda destacava que o fato de saber que era HIV positivo o fazia pensar “num monte de coisas sobre o futuro”. Reconhecia que esta descoberta “tinha sido muito mais fácil do que imaginara”. E completava: “talvez pq não adoeci ou pq é muito recente ainda, não sofri preconceitos e talvez não venha a sofrer, pois pretendo manter essa informação em sigilo”. No que concerne a seus parceiros de *barebacking* (antigos e futuros), fez algumas considerações, especialmente sobre alguns cuidados que teve no passado e outros que o aguardam no futuro. Relatou que praticava *barebacking* de maneira

regular com “três caras” que conhecia em sua cidade, mas também praticava com desconhecidos quando viajava. Com os parceiros desconhecidos, o único cuidado “era perguntar se ele era positivo ou negativo” (“mas sei que isso não representa muita coisa”). Entretanto, reconhecia que nem todos sabiam informar sobre a própria condição sorológica: “houve um que disse não saber... já tínhamos transado, mas eu tinha pedido a ele pra gozar fora”. Esse era outro cuidado que, “às vezes”, tomava - pedir para “gozar fora”. Quando isso acontecia, geralmente com desconhecidos, Moscarda pedia para o ‘cara’ ‘gozar’ em sua boca. Para ele, isso era uma maneira de diminuir o risco, ainda que fosse “ruim”, porque “queria que gozassem dentro dele”. Nesse momento, algo se perdia, ainda que se sentisse menos paranóico: “sentia que poderia ter sido mais prazeroso, mas diminuía minha paranóia depois, de ter talvez me contaminado”. Nessas situações de risco, sentia também muita ‘culpa’, tinha ‘medo’ de decepcionar sua família, ‘medo’ de entristecer quem gostava dele. Mas admitia não ter ‘medo de morrer’. Tinha medo da imagem do suicídio por questões religiosas e porque não queria se sentir fraco (“medo tb de ter cometido um tipo de suicídio, não pelo medo de morrer, mas de ter cometido o ato em si, por questões religiosas e tb pq isso me fazia me sentir fraco”).

Reconhecia que o barebacking sempre foi uma ameaça para ele, mas isso muitas vezes não o incomodava (“até dava mais tesão”). Entretanto, depois do resultado positivo, algo havia mudado: “se o cara for HIV- é uma ameaça a ele, e isso não quero fazer. Sei da questão da recontaminação, mas me preocupa menos me recontaminar do que contaminar outros”. Agora, depois de sua nova condição, Moscarda ressaltava que apenas iria praticar o barebacking (“sem medo e muito prazer”) com as pessoas que também são HIV positivo: “com aquelas que não sabem, que eu não sei ou que são HIV-, camisinha no bicho!”.

No momento atual, ele descreve e nomeia suas práticas sexuais sem camisinha “de fato” como barebacking: “agora que já sei que sou HIV+ e decidi não mais usar com quem já é tb positivo”. No que diz respeito às suas práticas sexuais desprotegidas anteriores à ‘viagem’ e, agora, à contaminação, Moscarda passava a chamá-las “de momentos impensados, emoção falando mais alto que a razão, ansiedade exagerada”. Moscarda também tinha “quase como certo” que iria se “recontaminar”, na medida em que não tinha “a menor intenção de usar preservativo com quem abertamente pratica barebacking e/ou já se sabe HIV+”. Reconhece que, com a descoberta do HIV, tirou um “peso das costas, o medo de se contaminar, e o sentimento de culpa por se expor a riscos”.

No decorrer de diferentes momentos da conversa online, enfatizava que o barebacking é “um comportamento auto-destrutivo, que parece levar à morte, destruição”. Porém, havia algo que parecia superar essa sensação de iminência da morte, visto que o barebacking era um dos poucos prazeres em sua vida: “é uma das coisas que consigo pontuar que gosto de fazer na vida... não me pergunte por muitas outras coisas que eu goste, não tenho muitas respostas”. Nesta trajetória de risco, Moscarda dizia produzir, por meio da prática do barebacking, um “sentimento de completude e realização”.

Terceira história: Moscarda26.2@hotmail.com, AP

Nem todos os Moscarda que descobriram ter HIV disseram continuar a praticar o barebacking. Eis a história deste Moscarda, de 26 anos, graduação completa, teclando do Amapá, que definia o barebacking como “sexo sem proteção alguma, em qualquer situação” (“no popular, sem borracha”). No início da conversa online, dizia “curtir” de tudo no barebacking: “o que vale é a emoção! o tesão mesmo”. Moscarda pontuava que não era “assumido”, vivia “num armário escuro e frio, e não queria sair dele”. Começou a ‘transar’ sem camisinha desde os vinte anos, com homens mais velhos. Para ele, o barebacking “veio quase que naturalmente”: “sempre me relacionei com gente mais velha, daí eles dominavam a relação, começavam sem camisinha, e quando via já tinha acabado”.

Dizia ‘transar’ com homens e mulheres, ainda que preferisse os homens. Preferia, também, ser passivo. Contava que sentia “todo tipo de tesão inimaginável, liberdade, felicidade”, quando estava transando sem camisinha. Admitia que “era bem prazeroso” quando era penetrado: “eh como se tudo de bom acontecesse naquele instante, eh se sentir dominado! ser objeto de alguém, eh estar protegido, as vezes eh bom se sentir desejado”.

Moscarda também falava sobre o sexo com desconhecidos de modo diferenciado. Segundo ele, existe “um tesão pelo desconhecido”, ou seja, na presença de anônimos, acrescenta-se “aquela coisa do casual, a coisa quase do selvagem”. Ressaltava que “a camisinha tira toda essa naturalidade do selvagem”. Nessas situações, dizia sentir-se ‘livre’ (“sem pudor mesmo!”). Para ele, com um ‘cara’ desconhecido, parece que podia ‘tudo’. E sentia-se “nas nuvens, via estrelas a cada estocada” que recebia de um anônimo.

Ele também reconhecia outro motivo para não usar a ‘borracha’: “no sexo anal parece que a camisinha te queima por dentro, eh mais dolorido, e a sensação do esperma quente do parceiro eh perdida”. Para ele, portanto, fazia diferença não sentir o esperma dentro dele. Enfatizava que o esperma era o ‘clímax’: “uma sensação prazerosa que eu comparo com o orgasmo. Dessa forma, se usasse a camisinha, não ia sentir “o gozo” dentro dele (“e claro, também não ia gozar”).

Moscarda sabia que os riscos existiam. Era um profissional de saúde e trabalhava em laboratório diretamente com testes para HIV. Entretanto, acreditava que “era imune a tudo e nada iria lhe acontecer”. Depois ficava preocupado e vinha a culpa. Porém, quando recebia outra proposta para ‘transar’, esquecia as preocupações e os riscos. Agora, ele não pensa mais nos riscos, pois abandonou o *barebacking* desde outubro de 2006, quando descobriu ‘ser soropositivo’. Enfatizava que não queria contaminar ninguém, querendo dormir com “a consciência tranquila”.

De três em três meses, fazia o teste para HIV. O último resultado negativo tinha sido em julho de 2006. Entre os meses de julho e outubro, praticou *barebacking* várias vezes; participando, também, de “surubas bare” marcadas pela internet, em salas de bate-papo; e nunca descartou a possibilidade de se infectar ‘no bare’. Sabia que algo podia sair errado. Reconhece que foi um choque quando viu o resultado, mas admitia ser algo já esperado. Segundo ele, era a mesma coisa que pular de paraquedas: “o que vale eh a emoção do momento, mesmo vc sabendo que uma hora o para-quedas pode naum (não) abrir”.

Moscarda explicava que apenas praticava *barebacking* porque sabia que era HIV negativo, ou seja, “que não oferecia riscos”. Entretanto, em seus encontros, sabia que alguém podia ser soropositivo. Para ele, “esse seria o legal do bare”: “se todos fizessem que nem eu o para-quedas ia sempre se abrir”. Moscarda, portanto, admitia existir uma “emoção do inesperado, do desconhecido, tipo roleta-russa” no *barebacking*. Ainda que dissesse não poder mais praticar sexo sem camisinha, ressaltava que ‘o bare’ tinha significado, para ele, única e inesgotável fonte de prazer. No *barebacking*, Moscarda queria provar para si mesmo que era “o dono da situação”, que podia ser ele mesmo, livre, inclusive do “politicamente correto e preventivo”¹⁷.

Considerações finais: sobre estes e outros (possíveis) ‘Moscarda’

No orkut, é possível acompanhar fóruns de discussão sobre o *barebacking* em que alguns dos membros se dizem “positivos” (“convertidos”), levando o vírus HIV ou “convertendo” outras pessoas. No decorrer dessas trajetórias interativas, existem aqueles para quem o medo (ou dúvida) da infecção parece (ou pode) não mais fazer parte do seu cotidiano, quando a possibilidade ou certeza de ser “convertido” (“positivo”, “carimbado”) torna-os livres e despreocupados para a realização do sexo “sem borracha”. Uma mudança de ‘status’ (biológico e social) que pode colocá-los fora da ordem, na posição de estranho, doente, abjeto,

¹⁷ Em suas palavras: “[...] o *barebacking* era minha liberdade... queria ficar livre da família q sempre m (me) cobrava netos, nora. da sociedade porque eu sempre tava sozinho (sozinho) nas reunioes sociais, e as vezes d (de) mim por nao querer encarar td (tudo) isso d (de) frente... dai falando no bom portuga eu caia na putada... n (no) bare eu era o ‘Moscarda’ livre q podia td (tudo)”.

perigoso, podendo também ter a “oportunidade” de levar, compartilhar ou dividir com alguém este mesmo lado da fronteira (a soropositividade).

Entretanto, isso não significa que não haja conflitos morais, preocupações ou sofrimentos mobilizados pelo vírus HIV. Conforme indicado em outros relatos online, e pelos ‘Moscarda’ cujas trajetórias foram aqui sintetizadas, estas tensões giram em torno do bem-estar pessoal e as implicações (do próprio prazer) para o parceiro. Depois que se descobriram como ‘portadores do HIV’, todos estes Moscarda passaram, em maior ou menor grau, a conduzir suas trajetórias afetivo-sexuais de uma maneira diferenciada: um desses Moscarda (‘Moscarda26.2@hotmail.com’), por exemplo, decidiu não mais praticar barebacking. De qualquer forma, a preocupação em não transmitir o vírus HIV para outros homens foi uma temática marcante em todas as três histórias. Nessa direção, dois dos Moscarda (‘Moscarda20@hotmail.com’; ‘Moscarda26.1@hotmail.com’) que continuaram a se identificar como barebackers falaram sobre a necessidade de fazer sexo bare com parceiros (presumidamente) também “positivos”. Ressalta-se que um deles (Moscarda20@hotmail.com) mais especificamente partia do pressuposto de que quem pratica barebacking é soropositivo.

Por sua vez, todos viveram, em maior ou menor grau, um sentimento de culpa por se engajarem no sexo desprotegido. Como em outros relatos disponíveis em fóruns do orkut, depois do resultado positivo para HIV, um dos Moscarda (‘Moscarda26.1@hotmail.com’) também sentiu alívio por não precisar mais viver com a culpa de se engajar no sexo desprotegido e por não se preocupar mais em contrair o HIV. Também no que se refere à definição do ‘barebacking’, estes Moscarda, de certa forma, demonstram que a mesma tem sido ‘usada’ de forma distinta (e ambígua). Na última história, por exemplo, o barebacking é definido simplesmente como ‘qualquer sexo sem borracha’¹⁸.

Finalmente, com base nos interesses e justificativas para a realização do barebacking (maximização do prazer sensorial e sentimento de liberdade) presentes nas três histórias, é importante discutir algumas implicações eróticas do sexo sem camisinha ou ‘borracha’, quando o barebacking aparece associado à maior estimulação física, a um sentimento de estar emocionalmente mais próximo (conectado com o parceiro) ou à ideia de um sexo mais “quente” (Halkitis, Parsons, Wilton, 2003; Mansergh et al., 2002). Nessa direção, é interessante focalizar o erotismo como uma maneira de colocar em xeque a ordem e regularidade da vida ou a descontinuidade dos seres (Bataille, 2004)¹⁹.

Então, se o erotismo é a “aprovação da vida até na morte” (Bataille, 2004), pode-se problematizar o sexo desprotegido como uma maneira de afirmar a própria vida, de se sentir encantado novamente, compartilhá-la (e conectar-se) com outros, enfim, restabelecer uma existência precária, ainda que de modo muito frágil e provisório. Em contrapartida, como argumenta Le Breton (2000), quando fala sobre a paixão do risco em tempos de vazio, perda de referência de sentidos e valores da cultura contemporânea, o próprio indivíduo passa a buscar um sentido para a sua vida desafiando, deliberadamente, os riscos. Uma maneira, portanto, de fabricar sentido através do “afrontamento real ou simbólico da morte”; podendo-se renovar a intensidade do viver.

Por sua vez, a partir da possibilidade de soroconversão, é importante desenvolver alguns aspectos que giram em torno da responsabilidade do cuidado e das novas facetas interativas centradas na condição sorológica dos parceiros sexuais. O ponto principal a destacar é que esta responsabilidade parece adquirir um peso diferenciado (e maior) para as pessoas que têm o vírus HIV, quando se sentem ‘obrigadas’ a protegerem e a cuidarem do outro²⁰. Este aspecto mostra a

¹⁸ Não significa dizer, com isso, que o termo barebacking (e suas variações – sexo bare, BB, bareback etc) não tenha mais utilidade, sobretudo porque pode indicar/sugerir que alguém (ou um grupo) prefere ou pratica sexo sem camisinha. Nessa perspectiva, além do desenvolvimento de novos estudos sobre os usos do conceito e dinâmica da prática em contextos de interação diversos (online e offline), torna-se importante, ainda, compreender os (novos) sentidos, motivos e interesses no sexo desprotegido, considerando os múltiplos posicionamentos identitários (de gênero, sexual, classe etc.).

¹⁹ Por exemplo, na discussão sobre a cultura sexual no Brasil, Parker (1991) aponta o sistema erótico como alternativo à ideologia de gênero e da sexualidade (norma da heterossexualidade reprodutiva). A referência do erótico não anula nenhum desses dois sistemas; pelo contrário, o erótico viabiliza-se pela existência das proibições, ligando-se de várias formas aos significados sexuais disponíveis. A ideia de proibição é fundamental para entender a dinâmica transgressiva no campo sexual, especialmente no que se refere aos espaços públicos onde predomina a norma heterossexual, possibilitando, por exemplo, a pegação e o sexo nos banheiros públicos, nos parques, nas praias etc.

²⁰ Não se deve negligenciar uma discussão sobre o modelo de responsabilidade em foco, eminentemente individualista, neoliberal, que tem justificado a prática do barebacking (Adam, 2005). Segundo Adam (2005, p.344), a visão neoliberal que tem acompanhado o discurso sobre o barebacking “constrói os atores humanos como racionais, adultos, indivíduos fazendo contratos em um mercado de opções livres”.

²¹ Há a necessidade de se pensar estratégias de prevenção que focalizem mais os "contextos de intersubjetividade" (Ayres, 2002), de reconstrução de identidades através de contínuas interações (entre sujeitos); ou, em termos 'bakhtinianos' (Bakhtin, 2002), a multiplicidade de 'vozes' (imiscíveis) que coexistem (simultaneamente), possibilitando a produção de novos sentidos (e posicionamentos); enfim, modos de vida criativos.

²² Essa temática em relação à preocupação com o vírus HIV (quem é 'soropositivo' ou 'soronegativo'), abre uma discussão sobre o modo como as relações contemporâneas passam a ser orientadas e organizadas em torno de marcas e atributos corporais (biológicos), ou seja, em torno das 'bioidentidades' (Ortega, 2003).

²³ Por exemplo, a retirada do pênis antes da ejaculação, a 'preferência' por ser ativo ou passivo (posicionamento estratégico) e a busca por manter relações sexuais desprotegidas com homens do mesmo status sorológico (Shernoff, 2006; Parsons et al., 2005; Suarez e Miller, 2001).

²⁴ Seria uma visão reducionista (e biologicista) pensar o barebacking como um fenômeno 'patológico' ou como um 'problema' vinculado (exclusivamente) a pessoas 'mal ajustadas' socialmente ou psicologicamente. É preciso destacar que, para além de discursos moralizantes, existe uma variabilidade de situações em que são produzidas estratégias e justificativas para não se usar a camisinha, buscando-se intensificar a intimidade e o prazer vivido entre os parceiros (Silva, 2008).

dificuldade, o medo e o sofrimento de muitas pessoas para falar sobre a sua soropositividade. Por outro lado, como explicam Van Kesteren et al. (2005), o sentimento de responsabilidade pessoal de 'homens HIV positivo que fazem sexo com homens' frente ao sexo seguro também sofre influência de fatores situacionais e interpessoais, podendo produzir comportamentos discrepantes. Dessa forma, tipos de parceria (estável ou ocasional), normas sociais (pressões dos parceiros para o engajamento no sexo desprotegido) e as características dos parceiros sexuais (atratividade física e emocional) podem afetar o sentimento de responsabilidade em relação ao outro.

Estas mesmas contingências mobilizam uma reflexão ou questionamento sobre a necessidade (direito ou dever) de alguém publicizar que é 'portador do HIV' para o parceiro sexual, sobretudo quando os mesmos estão engajados no barebacking. Dessa forma, a necessidade de fazer parte de um grupo ou comunidade, de compartilhar um sentimento de inclusão, de ser aceito, sentir-se desejado, de se entregar completamente ao outro (sem preocupação ou culpa), parece produzir novos modelos de relacionamentos e contatos, ou mesmo justificar o sexo desprotegido entre homens HIV positivo. Este aspecto também foi discutido por Halkitis et al. (2005), mostrando que o barebacking entre homens soropositivos também funciona como afirmação do self, da vida e da atratividade física.

Torna-se, assim, importante a construção de espaços mais abertos e dialógicos que possam reconhecer as diferenças²¹; espaços estes em que as pessoas se sintam incluídas (e desejadas), sem terem, necessariamente, de compartilhar uma mesma identidade ('positiva' ou 'negativa')²². Vale ressaltar que o sentimento de 'pertencimento' é altamente importante na vida de qualquer pessoa, o que nos faz refletir sobre as repercussões ou efeitos produzidos quando as pessoas se sentem estranhas ou fora do lugar.

Nessa direção, é preciso reconhecer os limites (e efeitos) atuais do discurso preventivo-epidemiológico, orientado pela ideia do 'sexo seguro sempre' (Terto Jr., 2002). Com base nesse ponto de vista, torna-se importante focalizar e discutir a viabilidade (e alcance) de outros modelos alternativos de prevenção e 'redução de danos' que já circulam no cotidiano vivido dos diversos atores²³. São estratégias alternativas desenvolvidas a partir das preferências sexuais, crenças, experiências e contextos interativos. Evidentemente, outros barebackers preferem não fazer uso dessas estratégias, investindo nas emoções e ganhos sensoriais obtidos no sexo 'sem borracha' de forma mais livre ou completamente sem restrições.

O prazer, portanto, é uma dimensão importante da vida (e do risco) que não deve ser posto como secundário no campo da saúde, especialmente no momento atual em que se destaca a busca de 'prazer corporal' (Costa, 2004), quando as pessoas são vistas como colecionadoras de experiências e sensações (Bauman, 1998). Deve-se lembrar que as histórias contadas neste artigo também enfatizaram o prazer e o sentimento de liberdade vivido no sexo 'sem borracha'²⁴. Um tipo de prazer extático (Coveney, Bunton, 2003) que se produz através da liberação e comunhão entre os parceiros. De algum modo, os protagonistas dessas histórias reconheciam que o risco (com suas interdições) também produzia fortes emoções, ainda que nenhum deles tenha se colocado (explicitamente) na posição de quem buscava contrair o HIV.

A partir desse cenário, torna-se importante problematizar as dificuldades ou fragilidades da vida contemporânea para considerar projetos mais coletivos, mas também discutir, reconhecer, imaginar (e viabilizar) formas e espaços alternativos de produção de novos (e distintos) prazeres importantes para se 'recriar' o gosto pela vida. Evidentemente, isso não significa impor padrões de relacionamento ou

convivência alheios aos próprios atores, tampouco (re)produzir um modelo de culpabilização ou vitimização dos mesmos.

Esta multiplicidade de prazeres, portanto, é irreduzível ao sexo (ou, mais precisamente, ao ato da penetração sexual). Além de trazer (e atualizar) esta discussão em diferentes espaços dialógicos (para além das oficinas de sexo seguro), é preciso, também, reconhecer que os “soropositivos não vivem em outro mundo” (Ayres, 2002, p.20). Os prazeres (e desejos) continuam a existir e se multiplicar (por exemplo, sentir-se ligado/conectado a outras pessoas). Notoriamente, esses contextos de interação, de diversas ‘vozes’, vão além do setor Saúde. É o caso das ‘comunidades’ de ‘homens com HIV que fazem sexo com homens’, criadas na internet (orkut, por exemplo) com o objetivo de trocar experiências e construir novas redes de relacionamento. Certamente, este novo cenário abre possibilidades interessantes de prevenção e promoção da saúde para homens que fazem sexo com homens no Brasil²⁵.

²⁵ No que concerne à ‘entrada’ e ‘impacto’ do barebacking no cenário brasileiro, onde as políticas públicas para homens que fazem sexo com homens ainda são muito incipientes, é importante considerar as ‘diferenças’ dos ‘atores’ locais, os usos e sentidos da categoria ‘barebacking’ para que ‘respostas’ mais adequadas sejam produzidas. Por outro lado, é preciso, também, lembrar que existem muitos homens com práticas homoeróticas que não se identificam como ‘gays’, não conhecem o termo barebacking, tampouco podem acessar (e pagar) determinados serviços. Isso exige, portanto, o desenvolvimento de estratégias de prevenção e promoção de saúde de forma mais diversificada e contextualizada.

Colaboradores

Luís Augusto Vasconcelos da Silva desenvolveu a pesquisa, analisou os dados e escreveu o artigo. Jorge Alberto Bernstein Iriart orientou a pesquisa, fez revisão, correção e sugestões no manuscrito.

Referências

- ADAM, B.D. Constructing the neoliberal sexual actor: responsibility and care of the self in the discourse of barebackers. **Cult., Health Sex.**, v.7, n.4, p.333-46, 2005.
- AYRES, J.R.C.M. Práticas educativas e prevenção de HIV/aids: lições aprendidas e desafios atuais. **Interface – Comunic., Saude, Educ.**, v.6, n.11, p.11-24, 2002.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BATAILLE, G. **O erotismo**. São Paulo: Arx, 2004.
- BAUMAN, Z. On postmodern uses of sex. **Theory Cult. Soc.**, v.15, n.3-4, p.19-33, 1998.
- BRASIL. **Plano nacional de enfrentamento da epidemia de Aids e das DST entre gays, HSH e travestis**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.
- CONVENY, J.; BUNTON, R. In pursuit of the study of pleasure: implications for health research and practice. **Health**, v.7, n.2, p.161-79, 2003.
- COSTA, J.F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CROSSLEY, M.L. The perils of health promotion and the 'barebacking' backlash. **Health**, v.6, n.1, p.47-68, 2002.

DA SILVA, C. et al. Optimistic perception of HIV/AIDS, unprotected sex and implications for prevention among men who have sex with men, São Paulo, Brasil. **AIDS**, v.19, suppl.4, p.S31-6, 2005.

DOUGLAS, M. **Risk and blame**: essays in cultural theory. London: Routledge, 1994.

ECO, U. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ELFORD, J. Changing patterns of sexual behaviour in the era of highly active antiretroviral therapy. **Curr. Opin. Infect. Dis.**, v.19, n.1, p.26-32, 2006.

ELFORD, J. et al. Barebacking among HIV-positive gay men in London. **Sex. Transm. Dis.**, v.34, n.2, p.93-8, 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

GROV, C.; PARSONS, J.T. Bug chasing and gift giving: the potential for HIV transmission among barebackers on the internet. **Aids Educ. Prevent.**, v.18, n.6, p.490-503, 2006.

HALKITIS, P. et al. Barebacking identity among HIV-positive gay and bisexual men: demographic, psychological, and behavioral correlates. **AIDS**, v.19, suppl.1, p.S27-S35, 2005.

HALKITIS, P.; PARSONS, J. Intentional unsafe sex (barebacking) among HIV-positive gay men who seek sexual partners on the internet. **AIDS Care**, v.15, n.3, p.367-78, 2003.

HALKITIS, P.; PARSONS, J.; WILTON, L. Barebacking among gay and bisexual men in New York city: explanations for the emergence of intentional unsafe behavior. **Arch. Sex. Behav.**, v.32, n.4, p.351-7, 2003.

HUEBNER, D.M.; PROESCHOLDBELL, R.J.; NEMEROFF, C.J. Do gay and bisexual men share researchers' definitions of barebacking? **J. Psychol. Human Sex.**, v.18, n.1, p.67-77, 2006.

LE BRETON, D. **Passions du risque**. Paris: Éditions Métailié, 2000.

LÉOBON, A.; FRIGAULT, L-R. **La sexualité bareback**: d'une culture de sexe à la réalité des prises de risque, 2005. Disponível em: <http://www.gaystudies.org/article_leobon_bareback.pdf>. Acesso em: 20 out. 2006.

LUPTON, D. **Risk**. London: Routledge, 1999.

LUPTON, D.; TULLOCH, J. Risk is part of your life: risk epistemologies among a group of australians. **Sociology**, v.36, n.2, p.317-34, 2002.

MANSERGH, G. et al. 'Barebacking' in a diverse sample of men who have sex with men. **AIDS**, v.16, n.4, p.653-9, 2002.

MILLER, D.; SLATER, D. Etnografia *on e off-line*: cibercafés em Trinidad. **Horiz. Antropol.**, v.10, n.21, p.41-65, 2004.

ORTEGA, F. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cad. Saude Coletiva**, v.11, n.1, p.59-77, 2003.

PARKER, R. **Corpos, prazeres e paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.

PARSONS, J. et al. Sexual harm reduction practices of HIV-seropositive gay and bisexual men: serosorting, strategic positioning, and withdrawal before ejaculation. **AIDS**, v.19, suppl.1, p.S13-25, 2005.

ROFES, E. Desires as defiance: gay male sexual subjectivities and resistance to sexual health promotion. **Health Educ. J.**, v. 61, n.2, p.125-37, 2002.

SHERNOFF, M. Condomless sex: gay men, barebacking, and harm reduction. **Soc. Work**, v.51, n.2, p.106-13, 2006.

_____. The sociology of barebacking. **Gay Lesbian Rev.**, v.12, n.1, p.33-5, 2005.

SILVA, L.A.V. **Desejo à flor da tel@**: a relação entre risco e prazer nas práticas de barebacking. 2008. Tese (Doutorado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2008.

SPINK, M.J. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Cad. Saude Publica**, v.17, n.6, p.1277-311, 2001.

SUAREZ, T.; MILLER, J. Negotiating risks in context: a perspective on unprotected anal intercourse and barebacking among men who have sex with men - where do we go from here? **Arch. Sex. Behav.**, v.30, n.3, p.287-300, 2001.

TERTO JÚNIOR, V. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS. **Horiz. Antropol.**, v.8, n.17, p.147-58, 2002.

TEWKSBURY, R. Bareback sex and the quest for HIV: assessing the relationship in internet personal advertisements of men who have sex with men. **Deviant Behav.**, v.24, n.5, p.467-82, 2003.

VAN KESTEREN, N. et al. Sexuality and sexual risk behavior in HIV-positive men who have sex with men. **Qual. Health Res.**, v.15, n.2, p.145-68, 2005.

WOLITSKI, R.J. The emergence of barebacking among gay and bisexual men in the United States: a public health perspective. **J. Gay Lesbian Psychother.**, v.9, n.3/4, p.9-34, 2005.

SILVA, L.A.V.; IRIART, J.A.B. Prácticas y sentidos del barebacking entre hombres que viven con HIV e hacen sexo con hombres. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.14, n.35, p.739-52, out./dez. 2010.

Este artículo es consecuente de una etnografía online sobre el barebacking (sexo anal desprotegido de forma intencional) en el ámbito brasileño, entre los años 2004 y 2007. Más específicamente: busca discutir la práctica y sentidos del barebacking entre hombres sero-positivos que hacen sexo con hombres; considerando las implicaciones y conflictos vividos por ellos a partir del momento en que descubren sero-positivos tras el comprometimiento en el sexo bareback. Para tal utilizamos relatos producidos en entrevistas abiertas en MSM Messenger después de la creación de una página en el orkut y la participación en sus comunidades sobre el barebacking. Presentamos historias de tres hombres, de diferentes regiones del país, que practicaban el barebacking y pasaron por el proceso de sero-conversión. En estas breves historias detectamos algunas tensiones o ambigüedades ante los placeres y las prohibiciones relacionadas al sexo sin condón incluyendo la culpa por su participación en el sexo desprotegido y el sentimiento de libertad que produce.

Palabras clave: Barebacking. Cero conversión. Placer. Riesgo. Homosexualidade masculina.

Recebido em 12/05/09. Aprovado em 13/03/10.